



DANDARA DOS PALMARES E A MULHER NEGRA CONTEMPORÂNEA: DO DISCURSO FOLCLÓRICO AOS DISCURSOS DE REPRESENTATIVIDADE

Cássia Fernanda de Oliveira Costa¹

A história de Dandara dos Palmares é envolta de muitos questionamentos que permanecem sem resposta, pois há pouquíssimos registros historiográficos oficiais sobre ela. Muitas das informações são provenientes de relatos e histórias populares, que circulam principalmente no nordeste do Brasil. Sabe-se que Dandara viveu, desde muito pequena, no quilombo dos Palmares – o maior e mais duradouro quilombo do Brasil, que se localizava na Serra da Barriga, território que hoje faz parte do estado de Alagoas.

Dandara casou-se com Zumbi, guerreiro que assumiu a liderança dos Palmares na fase final do quilombo, e, segundo as narrativas populares, participou junto a ele da luta armada contra a antiga liderança do quilombo, que pretendia entrar em um acordo com a coroa portuguesa. Ela também teria liderado junto ao companheiro os vários enfrentamentos que ocorreram entre os integrantes do quilombo e soldados da coroa. É sabido que Dandara, assim como Zumbi, sobreviveu ao derradeiro confronto, que marcou o fim do quilombo dos Palmares (Cf. SANTOS, 1985). A versão mais divulgada e admitida pelos historiadores para a morte da guerreira é a de que ela teria cometido suicídio em 1694, quando Palmares foi tomado pela expedição de Jorge Velho, a fim de não se tornar cativa.

Apesar das incertezas em relação à sua história, nos últimos anos Dandara deixou de protagonizar somente lendas para fazer parte dos discursos de ativistas dos movimentos sociais. Em matérias compartilhadas nas redes sociais e em fóruns de discussão on-line é notável o aumento da recorrência de menções à Dandara, sempre acompanhadas de críticas ao fato de que essa figura importante de nossa história é pouco lembrada e valorizada.

Com o propósito de compreender a natureza dos discursos sobre a figura de Dandara (a que base ideológica estão ligados, como se caracterizam os sujeitos que os enunciam etc.), partimos para uma investigação através do alicerce teórico-metodológico da AD. A observação do corpus (que precisou ser delimitado em dois textos, devido às nossas limitações de tempo) nos mostrou que alguns conceitos da AD seriam essenciais para alcançarmos nosso objetivo, por isso centramos neles nossa fundamentação teórica, baseada sobretudo em textos de Pêcheux (1995; 1999; 2004) e Indursky (2007; 2008; 2011). Além de noções que mobilizadas de forma secundária, dois conceitos da Análise do Discurso (AD) foram centrais em nossa análise: o de Memória e o de Formação Discursiva (FD). Assim como ocorre em boa parte das concepções da AD, há ligações estreitas entre esses conceitos.

¹ Aluna do curso de Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE e bolsista CAPES.



Pêcheux compreende que as FD são essencialmente conectadas à ideologia:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 160, grifo do autor).

Alguns aspectos importantes sobre a concepção de FD trazida à baila por Pêcheux podem ser apreendidos da citação acima. Fica evidente que a FD é determinada pelo contexto sócio-histórico em que se situa e, tal como elucida Indursky (2007), “[...] representa, na linguagem, um recorte da formação ideológica” (p. 79). Ao explicitar que a FD determina o que pode e deve ser dito, Pêcheux sumariza o processo de interpelação dos indivíduos em sujeitos do discurso, que se dá por meio da filiação a uma FD. Tal processo é inescapável e, por vezes, imperceptível.

O processo de identificação com uma FD (e, conseqüentemente, com os sentidos que nela reverberam) não é homogêneo, isto é, não ocorre de maneira idêntica para todos os sujeitos “filiados” a determinada FD. Em tais tomadas de posição que ocorrem no âmbito da FD enxergamos um laço interessante entre o conceito de formação discursiva e o de memória, visto que essa última tem sua essência na repetição, que ao mesmo tempo mantém/ “fortalece” a forma-sujeito e abre lacunas para o surgimento de diferentes tomadas de posição (Cf. Indursky, 2011).

É preciso colocar, inicialmente, que em AD o conceito de memória não se refere a atributos psicológicos ou cognitivos, mas à esfera do social (Cf. Pêcheux, 1999). A memória discursiva, da qual a repetibilidade é constituinte, não se resume à regularização e à cristalização de sentidos – aí está o laço com as tomadas de posição –, pois as FDs são heterogêneas, graças às diferentes posições que o sujeito do discurso pode ocupar no interior de uma mesma FD. Assim,

a repetição também pode levar a um deslizamento, a uma resignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos. Isto se dá porque o sujeito do discurso pode contra-identificar-se com algum sentido regularizado ou até mesmo desidentificar-se de algum saber e identificar-se com outro. (INDURSKY, 2011, p.71)

Os conceitos acima discutidos foram mobilizados para a análise de nosso *corpus*, composto por uma matéria veiculada no site da Revista Fórum, intitulada “*E Dandara dos Palmares, você sabe quem foi?*” (Texto 01), e um *post* do blog Cacheia, “*Dandara dos Palmares e as lideranças negras no Brasil*” (Texto 02), a fim de observar, a partir de sequências discursivas² (SD) delimitadas nesses textos, a que FD(s) estão filiados os discursos sobre Dandara e de que forma opera nessa(s) FD(s) a memória discursiva sobre essa figura histórica. A escolha desses textos foi pautada na popularidade dos sites que os veicularam, que pode ser observada pelo número expressivo de comentários e compartilhamentos³ dessas publicações nas redes sociais.

² Por *sequências discursivas* entendemos “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase” (Courtine 2009, p. 55), que atendem aos objetivos da pesquisa.

³ A matéria “E Dandara dos Palmares, você sabe quem foi?” (Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/questaoodegenero/2014/11/07/e-dandara-dos-palmares-voce-sabe-quem-foi/> [acesso em 20/07/2016]) recebeu mais de 150 comentários no site da Revista Fórum. Já “Dandara dos Palmares e as lideranças negras no Brasil”, *post* do blog Cacheia (Disponível em: <http://cacheia.com/2015/11/dandara-dos->



Trataremos primeiramente das SDs provenientes do Texto 01, publicado em 11 de julho de 2014. Para efeito inicial de análise, observemos o já mencionado título da matéria:

SD1: “E Dandara dos Palmares, você sabe quem foi?”

A ordem dos elementos da SD1, que não é a mais usual no português brasileiro, além de dar destaque ao nome de Dandara, produz o efeito de que essa SD – que como título da matéria normalmente produziria um efeito de início – é continuidade de outra sequência. Esse efeito é reforçado pelo emprego da conjunção “e” no início da pergunta. Nesse caso, a conjunção não tem função aditiva, seu uso provoca um efeito de contraste com a sequência que parece anteceder a pergunta-título da matéria e está na ordem do não dito. Como poderemos melhor observar nas análises das SDs subsequentes, o que está na ordem do não dito em SD1 relaciona-se a Zumbi dos Palmares, companheiro de Dandara e figura muito mais aclamada do que ela. Ao explicitarmos o que não está dito chegamos a uma sequência semelhante a: “Você conhece Zumbi dos Palmares. E Dandara dos Palmares você sabe quem foi?”. Esse efeito de sentido é reforçado na SD2:

SD2: Aqueles que falam dessa data muitas vezes se recordam de Zumbi dos Palmares, *que é o grande ícone da luta contra o racismo por sua resistência contra a escravidão. Mesmo na escola*, muitos ouvimos falar de Zumbi e aprendemos que ele foi líder do Quilombo de Palmares, onde negras e negros que fugiam da escravidão podiam encontrar refúgio e organização política. *No entanto, pouquíssimos sabem de quem se tratava Dandara dos Palmares, uma figura tão importante quanto Zumbi (Grifos nossos).*

Nessa SD torna-se patente o que não estava dito, mas implícito, em SD1: o efeito comparativo entre o valor atribuído à figura de Dandara e a de Zumbi. Enquanto esse é lembrado, *mesmo na escola* (É interessante notar que a seleção dessa expressão denota o sentido produzido sobre a escola nessa FD. O espaço escolar não valoriza os ícones afro-brasileiros, mas *mesmo na escola* Zumbi é rememorado), aquela pouco conhecida. Percebemos também que o sujeito do discurso não diverge da forma-sujeito em relação aos sentidos produzidos sobre Zumbi, pois o reconhece como “*o grande ícone da luta contra o racismo por sua resistência contra a escravidão*”, porém, o mesmo sujeito legitima Dandara como “*uma figura tão importante quanto Zumbi*”.

Nesse reconhecimento da igualdade (marcado pela escolha da expressão “*tão importante quanto*”), junto à indicação do esquecimento recebido pela figura de Dandara dos Palmares (“*[...] pouquíssimos sabem de quem se tratava*”), vemos o início de um distanciamento entre o sujeito enunciador e o Sujeito do saber da FD. O trecho final da SD3 deixa implícita a pergunta: “*Por que poucos sabem sobre Dandara, se ela é tão importante quanto Zumbi?*”.

Observemos agora a SD3:

SD3: Nós, mulheres negras, crescemos sem nos encontrarmos nos livros de história, poesia, literatura ou sociologia. O machismo racista da sociedade parece nos dizer que não temos o direito de encontrar representatividade e inspiração para rompermos as amarras da discriminação institucional. *Muitas sabemos de Dandara e outras mulheres negras importantes somente devido a nossas próprias pesquisas*

palmares-e-as-liderancas-negras-femininas-no-brasil/ [acesso em 20/07/2016]), recebeu 06 comentários no *blog* e 101 nas redes sociais.



solitárias, ávidas por descobrir. E, infelizmente, somos nós as mesmas pessoas que lutam para que essas mulheres não sejam apagadas da história (Grifos nossos).

Nessa SD notamos que a figura de Dandara dos Palmares é tomada como um ícone da resistência negra feminina, um símbolo de representatividade para as mulheres negras. É também interessante notar o efeito de “origem do próprio discurso” que toma o sujeito enunciador em relação à líder palmarina. Nos trechos finais da SD, é produzido o efeito de que a figura de Dandara estava completamente esquecida, em todos os âmbitos, e tem sido resgatada pela resistência negra feminina (posição-sujeito que o enunciador ocupa na FD). No entanto, a companheira de Zumbi já protagonizava muitas lendas e relatos populares. Portanto, pode-se dizer que o apagamento dos sentidos sobre ela ocorria *na memória discursiva da FD do movimento negro*, mas não no interdiscurso, pois, ao contrário da memória discursiva, o interdiscurso é saturado, nele não há lacunas. Recuperadas do interdiscurso, as histórias sobre Dandara agora circulam na FD do movimento negro (a partir da posição sujeito da resistência negra feminina) e podem consolidar-se na memória discursiva dessa FD.

Muito do que vimos na análise das SDs do Texto 01 pode ser observado também nas SDs do Texto 02, para as quais procuraremos atentar agora.

SD4: A produção de conhecimento não é neutra e muito menos desinteressada. Por muito tempo (e ainda hoje?) a participação das mulheres na história brasileira foi esquecida. Por isso, no mês da **Consciência Negra**, queremos falar das figuras femininas que fizeram parte da luta contra a escravidão no Brasil.

Logo de início, o sujeito enunciador deixa evidentes os saberes que pautam seu discurso, assim como no texto 01, vemos a influência do feminismo. É relevante destacarmos a relação que se estabelece ente as primeiras duas frases da SD. Apesar de não haver um elemento linguístico que as ligue, implicitamente existe uma relação de causa e consequência entre elas: “*A produção de conhecimento não é neutra e muito menos desinteressada. [por causa disso] Por muito tempo (e ainda hoje?) a participação das mulheres na história brasileira foi esquecida*”. Também chama-nos a atenção o sentido de aproximação entre a realidade do passado e a do presente produzido pelo questionamento “(e ainda hoje?)”. Ao empregar a interrogação, o sujeito do discurso não pretende perguntar *se ainda hoje a participação das mulheres na história brasileira é esquecida*, pois, como também perceberemos na observação das SDs seguintes, tal esquecimento é precisamente o que ele “denuncia”. A interrogação é utilizada, nesse caso, como uma marca de incredulidade, e deixa implícito um questionamento próximo a: “Como é possível que ainda hoje a participação das mulheres na história não seja reconhecida?”.

Ao final da SD, observa-se um sentido bastante repetido da FD do movimento negro, que é o primeiro indício do vínculo do sujeito enunciador a essa FD: a ligação do dia da Consciência Negra à *luta contra a escravidão no Brasil*. O sujeito do discurso destaca, no entanto, o papel das *figuras femininas*, cuja participação na história havia sido “esquecida”. Apontar esse esquecimento corresponde a indicar uma “falha” da própria FD a que está filiado e, assim, questioná-la. Cabe



ressaltar um aspecto que também apontamos em relação ao Texto 01: o “esquecimento” ocorre dentro da memória discursiva da FD, mas nunca afeta o interdiscurso, e é isso que proporciona os processos de contraidentificação e desidentificação.

Observemos a SD5:

SD5: Voltamos ao período colonial para não deixar esquecer que o Brasil foi o último país da América Latina a abolir a escravidão e que essa liberdade custou sangue, suor e muitos anos de luta. Libertação que não garantiu a integração dos negros à sociedade, que ao contrário, reservou-os o lugar da subalternidade, dos empregos precários, a ausência de propriedade, o preconceito e a falta de acesso à educação.

Nessa SD, são notáveis outros saberes que circulam na FD do movimento negro, fazem parte de sua memória discursiva e contrapõem-se a outras FDs: a liberdade dos escravos adveio de “*sangue, suor e muitos anos de luta*” (ideia que se opõe a de que os escravos foram libertos graças à princesa Isabel e alguns senhores de engenho), a abolição não garantiu boas condições de vida aos negros e se reflete em problemas como os “*empregos precários, a ausência de propriedade, o preconceito e a falta de acesso à educação*” (saber que contradiz o de que o Brasil vive em uma democracia racial, com igualdade de acesso às oportunidades). Constatamos, então, que não ocorre ruptura entre o discurso do sujeito enunciador e o da forma-sujeito da FD. Dessa forma, não é possível falarmos em *desidentificação*, mas em *contraidentificação* (já que a posição-sujeito tomada pelo sujeito enunciador insere na FD a figura feminina, “esquecida” pela forma-sujeito).

O interesse por parte do sujeito enunciador pela figura de Dandara vem do que ela representa para as mulheres negras: um ícone de força no qual elas podem enxergar-se e inspirar-se, efeito de sentido que é reforçado em SD6.

SD6: É lamentável que essas trajetórias não ganhem destaque afinal de contas, **memória e representação importam**. Que as mulheres negras saibam desse passado de luta e que crianças e adolescentes descubram que grandes figuras negras fizeram parte da nossa história. Que nesse 20 de Novembro, possamos lembrar do aniversário de morte de Zumbi de Palmares, que inspirou o nascimento da data, e lembrar também de Dandara e de tantas outras mulheres que participaram da construção da história brasileira.

Podemos identificar a natureza do interesse do sujeito do discurso pela figura de Dandara já no começo da SD, quando ele caracteriza como *lamentável* a falta de destaque às mulheres negras da história por causa da *memória* e da *representação*. Conforme indicamos anteriormente, o sujeito considera importante que os discursos sobre Dandara sejam recuperados graças ao que ela representa para as mulheres negras da contemporaneidade. Na continuidade da SD, o sentido de representatividade atribuído a Dandara é acentuado, porém o sujeito do discurso não nega a importância de lembrar a figura de Zumbi, o que reafirma a posição de contraidentificação (pois ele não rompe com todos os saberes da FD), e não de desidentificação em relação à FD do movimento negro.

A observação das SDs levou-nos a compreensão de que os sujeitos do discurso do Texto 01 e do Texto 02 estão filiados à mesma FD (a do movimento negro) e nela ocupam a mesma posição-sujeito (a da resistência negra feminina). Através dos princípios da AD, pudemos compreender que



ocorre nos discursos analisados a retomada de um saber que estava suprimido na memória discursiva da FD, mas que circulava no interdiscurso. Como elucida Indursky (2011), ao serem incluídos em FDs diferentes, os saberes estabelecem diferentes relações com a ideologia, proporcionando sentidos distintos. Os saberes sobre Dandara dos Palmares, mesmo quando suprimidos da FD do movimento negro, circulavam nas FDs de narrativas populares e lendas, produzindo sentidos folclóricos. Ao serem incluídos na FD do movimento negro, os mesmos saberes, por relacionarem-se a outros que constituem a memória discursiva da FD, passam a produzir outros sentidos. Na FD do movimento negro, a trajetória de Dandara deixa o caráter folclórico e passa a ser tomada como um exemplo da força da mulher negra.

Assim, a memória discursiva que tem sido construída sobre Dandara é baseada nos sentidos de resistência, inteligência, coragem, que não apenas caracterizam a personagem, mas na FD funcionam como um “espelho” das mulheres negras. No âmbito do que não está dito, mas pode ser depreendido dos discursos sobre Dandara dos Palmares na FD do movimento negro, está a ideia de que a mulher negra contemporânea pode ter as características atribuídas a Dandara, com as quais a guerreira dos Palmares lutou contra a escravidão e as negras do presente devem lutar contra o racismo e o machismo. A análise que empreendemos nos permitiu verificar na materialidade linguística que a memória consiste em “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas” (Pêcheux, 1999, p.56).

REFERÊNCIAS

COURTINE, J-J. Análise do discurso político: O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

INDURSKY, Freda. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de Formação Discursiva. In: BARONAS, R.L (org.) Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de Formação Discursiva. São Carlos: Pedro & João editores, 2007.

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO FERREIRA, M.C. (Orgs.) Memória e história na/da Análise do Discurso. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (Orgs.) Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999

_____. Leitura e memória: projeto de pesquisa. In: ORLANDI, E. P. (Org.) Análise de discurso: Michel Pêcheux. Campinas: Pontes Editores, 2011

_____. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. Décalages: Vol. 1: Iss. 4, 2014.

RUFINO DOS SANTOS, J. Zumbi. 5. ed. São Paulo: Ediouro, 1985.